

Visão da semana: a retomada do crescimento

Apesar da inquietação no meio empresarial e das incertezas sobre o comportamento da economia nos próximos meses, a semana que passou parecia destinada ao esquecimento, em virtude da ausência de decisões ou acontecimentos relevantes. De repente, na quinta-feira, o ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, surpreendeu mais uma vez o mundo dos negócios ao anunciar — em Foz do Iguaçu — a retomada do crescimento econômico nos anos de 1982 e 1983, quando, disse ele, o Produto Interno Bruto deverá expandir-se à taxa de 5% ao ano.

Foi mais uma — a segunda desde que voltou ao Ministério — guinada do ministro. Os números da balança comercial e da inflação, afirmou ele, estão caminhando na direção certa e há espaço para a volta do crescimento industrial. Simultaneamente a esse anúncio, Delfim Netto reafirmou a absoluta necessidade do sacrifício e da austeridade que marcaram o ano de 1981, e procurou insistir num fato: haverá um nível mais elevado de atividade, mas a política econômica não muda.

O governo continuará a dar apoio à substituição do petróleo por outras fontes energéticas, a prestigiar a agricultura e a combater com todas as armas disponíveis o processo inflacionário. No entanto, as taxas de juros deverão ser um pouco inferiores às deste ano e haverá mais crédito para as empresas e os consumidores, com o objetivo de sustentar a expansão do produto. Os meios de pagamento crescerão o suficiente para permitir o necessário aumento da demanda interna. Foi esta, aliás, a primeira vez desde o início da atual fase de austeridade que se falou em fortalecer a demanda.

A previsão de Delfim baseia-se na expectativa de novo superávit comercial em 1982, em virtude da estabilidade do preço do petróleo já prometida pela Opep, e dos esforços que continuarão sendo feitos para ampliar as exportações. É nesse contexto que se coloca a decisão de estender o prazo de eliminação do crédito prêmio do IPI, que, em vez de cair de 15% para 9%, em janeiro, diminuirá por etapas durante o ano até chegar aos 9% no final de dezembro. Foi também para estimular as vendas ao Exterior que as autoridades decidiram dar ao comércio incentivos outrora somente concedidos ao setor industrial.

A situação mais folgada do balanço de pagamentos permitirá maior volume de importações em 82, fato que, sem dúvida, estimulará a atividade industrial, contribuindo decisivamente para reduzir o atual índice de desemprego. Foi por este motivo que Delfim Netto, divergindo do ministro do Trabalho, Murillo Macedo, descartou a adoção de planos especiais contra o desemprego.

Como não poderia deixar de acontecer, as palavras do ministro do Planejamento repercutiram de imediato nos mercados mais sensíveis, como a Bolsa, auxiliadas pelas notícias de novas descobertas de petróleo. No setor manufatureiro, as reações também foram favoráveis, mas ainda existem dúvidas sobre as previsões do ministro, que dependem da baixa da taxa de juros no mercado interno e no Exterior, além de melhor desempenho econômico nos países industrializados.